

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

Andréia de Assis Ferreira*
Paulo Cezar Santos Ventura**

Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado¹ que envolveu, de um lado, as contribuições da Informática Educacional (IE) para o processo de ensino-aprendizagem de História e, de outro, a relação que os professores dessa disciplina estabelecem com a IE e suas dificuldades em se apropriarem dessa tecnologia. O questionário, enviado a todos professores de História da Rede Municipal de Belo Horizonte, mostrou-se o instrumento mais adequado para esta pesquisa. Na análise dos dados, utilizamos o pacote estatístico SPSS, por contar com recursos como o cruzamento de respostas múltiplas e correlação de variáveis. O estudo levantou algumas informações sobre as concepções dos professores de História acerca da IE, a fim de contribuir para o desenvolvimento dessa área e para a elaboração e implementação de propostas mais eficientes voltadas para a melhoria do ensino de História a partir do uso da IE.

Palavras-chave: Ensino de História. Informática Educacional. Concepções de Professores. Ensino de História.

History teachers' conceptions

Abstract

This article is resulted of the master's degree research that involved, on a side, the contributions of the Education Computer science (IE) for the process of teaching-learning of History and, of other, the relationship that the teachers of that discipline establish with IE and their difficulties in if they adapt of that technology. The questionnaire, correspondent the all teachers of History of the RME/BH, the most appropriate instrument were shown for this research. In the analysis of the data, we used the statistical package SPSS, for counting with resources as the crossing of multiple answers and correlation of variables. The study lifted some information about the teachers' of History conceptions concerning IE, in order to contribute for the development of that area and for the elaboration and implementation of more efficient proposals gone back to the improvement of the teaching of History starting from the use of IE.

Keywords: Historical Education. Technological Education. Teachers' Conceptions. Teaching of History.

* Doutoranda em educação FAE/UFMG, mestre em Educação Tecnológica CEFET/MG. Professora da RME de Belo Horizonte.

** Doutor em Ciências da Comunicação e Informação. Professor do CEFET-MG.

Introdução

Percebe-se uma grande distância entre as possibilidades relacionadas ao uso da Informática Educacional (IE) no ensino de História e a realidade das salas de aula. Parece existir um crescente desinteresse e uma grande resistência por parte dos professores em se apropriar desse recurso em sua prática.

Nossa experiência e a literatura revisada vêm mostrando que as concepções dos professores influenciam, de modo significativo, a forma como o ele se apropria da tecnologia.

Este estudo teve como objetivo geral aprofundar o conhecimento sobre as concepções do professor de História acerca da IE, sua forma de perceber e utilizar seus recursos, bem como as possíveis influências dessa utilização em seu comportamento e sua postura como educador. O problema envolveu, de um lado, as contribuições da IE para o processo de ensino-aprendizagem de História e, de outro, a relação que os professores dessa disciplina estabelecem com a IE e suas dificuldades em se apropriarem dessa tecnologia.

As seguintes questões nortearam a investigação: quais são as concepções dos professores de História acerca da IE? Qual o contato desse profissional com o computador e que conhecimento possui acerca da IE? Como o professor de História acredita estar reagindo ao cenário de mudanças e desafios proporcionados pelo uso do computador no ambiente educacional?

Essa é uma área praticamente inexplorada em nosso país e há muito que se fazer. Essa investigação, exploratória, levantou algumas informações sobre as concepções dos professores de História da Rede Municipal de Belo Horizonte acerca da IE, a fim de contribuir para o desenvolvimento dessa área e para a elaboração e implementação de propostas mais eficientes voltadas para a melhoria do ensino de História a partir do uso da IE.

Referencial teórico

Para compreender melhor o que são as concepções, realizamos uma revisão de literatura sobre o tema e, a partir do estudo de alguns autores e suas respectivas visões, estruturamos nossa compreensão e definição. Vale ressaltar que toda definição é provisória, está sempre em construção, pois todo conhecimento está sujeito à reformulação. Ela representa nossa visão atual e nos permite comunicar de forma clara.

Na literatura referente ao ensino de História, raras são as referências feitas ao estudo das concepções do professor que leciona essa disciplina. Encontramos em outras áreas - Educação Matemática, por exemplo - um corpo de conhecimento bem elaborado a respeito. Sendo assim, construímos nossa noção de concepção de professor a partir de leituras realizadas em distintas áreas do saber.

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

Como cita Ferreira, A. (2001), tem havido pouca preocupação com o esclarecimento do termo concepções. Na literatura em língua inglesa o termo 'crenças' (*beliefs*) aparece com mais frequência do que 'concepções'. Alguns autores identificam os dois termos usando indiferentemente um ou outro (por ex. BARBOSA, 2002, p.12).

Martínez (1996, p. 31), para caracterizar a idéia de concepção, recorre a teóricos - Ruiz (1994), El Bouazoni (1998), Vergnaud (1990) e Artigue (1989) - diferenciando concepções subjetivas das epistemológicas e locais das globais. As concepções epistemológicas se referem a tipologias do conhecimento existente em um certo período histórico. As concepções subjetivas são mantidas por cada sujeito, de maneira individual. As concepções globais descrevem holisticamente as concepções ligadas a um conceito e outro objeto, e as locais estão ligadas a aspectos parciais dos sistemas anteriores.

Para Ruiz (apud MARTÍNEZ, 1996, p. 32), as concepções seriam as invariantes que o sujeito reconhece como elementos essenciais que determinam o objeto e/ou o conjunto de representações simbólicas que ele associa e utiliza para resolver as situações e problemas ligados ao conceito. Outros autores consideram concepções um termo mais geral, englobando crenças, perspectivas, preferências.

Para Guimarães (1992, p. 35), as concepções do professor seriam um esquema teórico - relativamente consciente, declarado e consistente - que lhe permite interpretar o que lhe é apresentado e que, de alguma maneira, o predispõe e influencia a sua ação, em relação a isso.

Embora não seja um pesquisador da área de História, João Pedro da Ponte tem desenvolvido, há mais de uma década, interessantes estudos acerca das concepções de professores de Matemática e suas influências sobre sua prática docente. Para ele:

[...] o interesse pelo estudo das concepções dos professores, tal como aliás pelo estudo das concepções de outros profissionais e de outros grupos humanos, baseia-se no pressuposto de que existe um substracto conceptual que joga um papel determinante no pensamento e na acção. Este substracto é de uma natureza diferente dos conceitos específicos – não diz respeito a objectos ou acções bem determinadas, mas antes constitui uma forma de os organizar, de ver o mundo, de pensar. Não se reduz aos aspectos mais imediatamente observáveis do comportamento e não se revela com facilidade – nem aos outros nem a nós mesmos (PONTE, 1992).

Diante do anterior, podemos dizer que as concepções são uma forma

de conhecimento fortemente influenciada pelas emoções, crenças e valores. As concepções que um indivíduo tem, acerca de um assunto, influenciam sua atitude face a esse mesmo assunto.

As concepções formam-se num processo simultaneamente individual - como resultado da elaboração sobre a nossa experiência - e social - como resultado do confronto das nossas elaborações com as dos outros. Assim, as concepções sobre a IE são influenciadas pelas experiências que nos habituamos a reconhecer como tais e, também, pelas representações sociais dominantes.

Em um artigo recente, Ponte reafirma que as concepções encontram-se no núcleo do conhecimento, tanto declarativo como processual, do professor e que, por estarem associadas a valores e experiências diversas, podem manifestar-se de modos distintos numa dada situação de prática. Assim, contextos variados podem levar um professor a agir de modos tão diferentes que podem parecer contraditórios. Para ele, este fato “não indicia necessariamente a existência de contradições, mas sim a necessidade de dar respostas diferenciadas a situações também elas distintas” (PONTE, 2004, p. 5).

Nos apoiamos nas idéias de Ponte (1992, 1999, 2004) em relação ao termo ‘concepções’. Sendo assim, quando nos referirmos às concepções dos professores de História, estaremos nos referindo a um tipo particular de conhecimento construído ao longo de sua vida discente e docente que é influenciado pelo contexto social, cultural e afetivo. Esse conhecimento envolve suas idéias acerca da História, seu ensino e aprendizagem, papéis de professores e alunos, etc, e, principalmente, suas idéias acerca da IE.

Apesar das dificuldades encontradas na definição e operacionalização do termo, acreditamos na importância de investigá-lo. Como Ponte (1992), entendemos que estudar concepções de professores é fazer uma antropologia da própria cultura. Implica salientar os valores, as motivações, os eixos principais do pensamento dos atores fundamentais do processo educativo. Trata-se de um esforço particularmente difícil, tanto pelo caráter elusivo do objeto de estudo, como pelo fato de os investigadores estarem, eles próprios, embebidos na mesma cultura.

Concepções e a prática docente

Considerando que as concepções, como forma de conhecimento, encontram sua origem nas estruturas organizativas, nas relações institucionais, e nas dinâmicas funcionais em que estão integrados os seres humanos, pode-se dizer que esse construto tem um caráter coletivo, sendo constituído nas interações interindividuais e a partir das dinâmicas coletivas.

Como Ponte (1992), acreditamos que a impregnação de elementos sociais no processo de construção do conhecimento reforça a perspectiva de

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

que existe uma relação interativa entre as concepções e as práticas. As concepções influenciam as práticas, no sentido em que apontam caminhos, fundamentam decisões, etc. Por seu lado, as práticas, que são condicionadas por uma multiplicidade de fatores, levam naturalmente à geração de concepções que com elas sejam compatíveis e que possam servir para as enquadrar conceitualmente.

As concepções dos professores não constituem um todo relativamente homogêneo. Diferenciam-se, claramente, pelos níveis de ensino, pela sua formação inicial, formação científica e pedagógica, pela sua inserção social e suas opções ideológicas e educativas. Assim, no presente trabalho, consideramos que as concepções de cada professor de História, em relação à utilização do computador no processo ensino-aprendizagem, podem ser influenciadas pelas concepções que ele tem acerca do ensino de História, bem como o 'tipo' de ensino obtido em sua formação.

Concepções de ensino de história

Salvo exceções, a História ainda é ensinada com base nos livros didáticos com forte concepção positivista, onde é vista como uma ciência factual, periodizada a partir de uma perspectiva neutra ou, muitas vezes, influenciada por modelos importados.

Tanto na rede pública quanto na rede privada de Ensino Fundamental e Médio, observa-se uma predominância de atitudes conservadoras em relação à História e ao seu ensino (como constatado em FERREIRA, 2003). Pela insistência na repetição de conteúdos e formas de transmiti-los, produziu-se um modelo escolar de História difícil de ser superado.

Essa perspectiva de casualidade no reconstruir a História está profundamente associada a uma história positivista, que busca a 'reconstrução da História' e procura a 'verdade' histórica nos documentos. Esses supostos têm origem em uma corrente francesa que se desenvolveu no final do século XIX: "se não há documentos, não há História" (CRUZ, 1996, p. 67).

Uma pesquisa muito interessante foi desenvolvida na Finlândia, por Arja Virta (1999), professora da Universidade de Turku. O estudo identifica e analisa as concepções de professores recém formados e futuros professores (que já lecionam) sobre a estrutura e natureza da História.

A maioria dos sujeitos entrevistados fizeram uma ligação direta entre noção de tempo e passado ao conceito de História. Nas definições mais simplistas, História foi descrita como o passado, ou como a quantidade de contínuos períodos históricos. Muitos descreveram História como uma linha de desenvolvimento, relacionada ao presente ou como a base para o presente. A História foi explicada freqüentemente como base de eventos: é algo que

aconteceu. Nas definições mais atomísticas, História foi descrita como: lista de elementos separados, eventos, pessoas; tudo aquilo que aconteceu antes do tempo presente; pessoas, eventos, realizações e perdas; informação sobre os últimos tempos, histórias de guerras, de como nações se tornaram independentes etc.

Podemos perceber, através da análise dos dados obtidos por Virta (1999), que a maioria dos participantes possui uma concepção atomística e unidimensional de História, enfatizando a dimensão temporal e contínua. O significado de História foi visto principalmente como cognitivo, como uma explicação da organização da sociedade atual e suas condições políticas. Segundo Virta (1999, p. 9), isso é compreensível, tendo em vista a tradição de ensinar História no Ensino Superior privilegiando o conteúdo efetivo. Interpretações críticas, analíticas e científicas de História são quase inexistentes.

Nesse contexto, como afirma Fonseca (2003, p. 32), há certa pobreza teórico-metodológica, indicando, além da incipiente tradição acadêmica nesta área, uma arraigada tradição na historiografia da educação que entende a reflexão histórica como uma iluminação do passado sobre o presente, como lição para o futuro. Isso denota uma falta de rigor historiográfico - sobretudo quando se trata de estudos realizados nos últimos vinte anos - e a consolidação da tradição acadêmica nos estudos históricos, ciosa da solidez teórico-metodológica.

Definindo o termo 'informática educacional'

Não se trata de pensar o ensino de informática, mas, sim, o uso da informática no e para o ensino e, de modo geral, para a educação. E então vale a pena perguntar o que esta tecnologia realmente pode acrescentar à educação, e se não virá a ser mais uma panacéia ilusória que se apresenta como solucionadora de problemas cruciais em área tão vital das sociedades humanas (ALMEIDA, 1988, p. 5).

Apesar da vasta bibliografia que, minuciosamente, descreve o termo 'IE' bem como a história de seu desenvolvimento ao longo dos anos no Brasil, a revisão de literatura sobre a IE evidenciou que não há consenso entre os autores quanto à definição de IE. A multiplicidade de definições e a ambigüidade na conceituação e definição de IE geram, nos educadores, dificuldades de aceitação e de aplicação no que se refere ao processo de ensino. Acontece, muitas vezes, uma distorção desses conceitos e aplicações inadequadas das ferramentas disponíveis, conduzindo a aprendizagem para um processo diferente do desejado.

Desde a introdução no Brasil do termo Tecnologia Educacional em 1971 (segundo a Associação Brasileira de Tecnologia - ABT), os educadores se deparam com diferentes conceitos que se caracterizaram pela compreensão diferenciada do papel dos instrumentos tecnológicos no processo educativo. Assim, várias expressões - 'Educação Tecnológica', 'Tecnologia Educacional',

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

'Tecnologia na Educação', são normalmente empregadas, indistintamente, para se referir ao uso do computador e suas ferramentas na educação.

Cysneiros (1999), sugere que ao se tratar de Informática na Educação devemos, antes, fazer uma reflexão sobre o que é e o que não é tecnologia, considerando o computador como a tecnologia educacional mais importante do momento. Em seu artigo "Professores e máquinas: Uma concepção de informática na educação", ele adota a definição de tecnologia de Don Ihde (1993, cap.2), que considera três características como essenciais à tecnologia: primeiro, uma tecnologia implica algo concreto, um elemento material. Tal elemento material deve fazer parte de algum conjunto de praxes ou usos, culturalmente determinados. Terceiro, deve haver uma relação entre as tecnologias e as pessoas que as usam, as idealizam (*design*), as constroem ou as modificam.

Moran (2000), ao pensar as novas tecnologias aplicadas à educação (referindo-se à informática), considera-as importantes, pois permitem a ampliação do espaço e do tempo na sala de aula, possibilitando a comunicação presencial e virtual, o estar junto, num mesmo espaço ou em espaços diferentes (conhecido como educação à distância). Já Kenski (2001) entende a tecnologia como algo a ser utilizado para a transformação do ambiente tradicional da sala de aula (local, normalmente, desinteressante e com pouca interação entre alunos e professor), buscando por meio dela criar um espaço em que a produção do conhecimento aconteça de forma criativa, interessante e participativa, de modo que seja possível educador e educando aprenderem e ensinarem usando imagens (estática e ou em movimento), sons, formas textuais e, com isso, adquirirem os conhecimentos necessários para a sobrevivência no dia-a-dia em sociedade.

Chaves (2004) prefere a expressão 'Tecnologia na Educação' à expressão 'Tecnologia Educacional', uma vez que, esta lhe parece sugerir que há algo intrinsecamente educacional nas tecnologias envolvidas, o que não parece ser o caso. A expressão 'Tecnologia na Educação' deixa aberta a possibilidade de que tecnologias que tenham sido inventadas para finalidades totalmente alheias à educação, como é o caso do computador, possam, eventualmente, ficar tão ligadas a ela que se torne difícil imaginar como a educação era possível sem elas.

Apesar de essa expressão permitir fazer referência à categoria geral que inclui o uso de toda e qualquer forma de tecnologia relevante à educação ('*hard*' ou '*soft*', a escrita, a imprensa, giz e quadro-negro, o rádio, a televisão, *datashow*, Internet etc.) não há porque negar, entretanto, que, hoje, quando a expressão 'Tecnologia na Educação' é empregada, dificilmente se pensa em giz e quadro-negro, a atenção se concentra no computador, que se tornou o ponto de convergência de todas as tecnologias mais recentes e de algumas antigas (CHAVES, 2003).

Grinspun (1999) utiliza a expressão 'Educação Tecnológica', atribuindo-

lhe a função de formar um indivíduo, na sua qualidade de pessoa humana, mais crítico e consciente para fazer a História do seu tempo com possibilidade de construir novas tecnologias, fazer uso da crítica e da reflexão sobre sua utilização de forma mais precisa e humana, e ter as condições de convivendo com o outro e participando da vida em sociedade, transformá-la em uma sociedade mais justa e humana.

Concordamos com Grinspun (1999), em que a Educação Tecnológica não é um tecnicismo e nem significa o ensino das novas tecnologias, a nosso ver, ela envolve todo o processo do ensino-aprendizagem, indo além dos limites da escola.

Contudo, o computador pode ser visto como uma tecnologia educacional ou não. Como observa Cysneiros (2003), acreditamos que apenas o objeto material em si não é suficiente para caracterizar a especificidade da tecnologia. Ou seja, não consideramos que o uso do computador como 'máquina de escrever', calculadora ou artefato, mesmo estando em um ambiente escolar, possa ser educacional. O computador pode ser considerado educacional, quando é parte de um conjunto de *praxes* na escola, no lar ou noutra local com o objetivo de ensinar ou aprender, envolvendo uma relação com um professor ou um aluno. No entanto, o computador não é uma tecnologia educacional quando empregado para atividades sem qualquer relação com ensino-aprendizagem, como o controle de estoque em uma empresa.

No ambiente escolar, Valente (1998) defende duas possibilidades do uso do computador: como máquina de ensinar e como ferramenta. Quando utilizado como máquina de ensinar, espera-se que o computador repasse ao aluno determinado conteúdo, através de programas desenvolvidos com este intuito. Esta modalidade pode ser caracterizada como uma versão computadorizada dos métodos tradicionais de ensino. Ao aluno cabe um papel passivo diante do computador, que lhe fornece as respostas desejadas como, por exemplo, os programas tutoriais e programas de exercício e prática (*drill-and-practice*).

A segunda possibilidade apresentada por Valente é a utilização do computador como uma ferramenta educacional. Segundo esta modalidade, o

[...] computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo, e, portanto, o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador. Estas tarefas podem ser a elaboração de textos, usando os processadores de texto; pesquisa de banco de dados já existentes ou criação de um novo banco de dados; resolução de problemas de diversos domínios do conhecimento e representação desta resolução segundo uma linguagem de programação;

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

controle de processos em tempo real, como objetos que se movem no espaço ou experimentos de um laboratório de física ou química; produção de música; comunicação e uso de rede de computadores; e controle administrativo da classe e dos alunos. (VALENTE, 1998)

A segunda possibilidade apresentada por Valente é a mais coerente com a nossa concepção de educação, por conceber o computador como ferramenta capaz de otimizar o processo de ensino-aprendizagem de História.

Muito se tem pesquisado e especulado quanto à utilização do termo mais adequado e a relação entre as suas especificações e o contexto onde está inserido cada construto. A questão principal não é a escolha do termo por si só; mas como esse conceito é utilizado. Evitamos os conceitos sujeitos às flutuações da moda, nos atendo ao desenvolvimento de concepções teóricas coerentes que fundamentem o uso do computador nas nossas escolas.

Por isso, adotaremos a expressão IE definida por Valente (1993, p. 26):

A Informática Educacional é o processo que coloca o computador e sua tecnologia a serviço da educação. Portanto, todos os aspectos e as variáveis neste processo deverão estar subordinados à consideração de que a essência da IE é de natureza pedagógica, buscando assim melhorias dos processos de ensino-aprendizagem de forma a levar o aluno a aprender, e o professor a orientar e auxiliar esta aprendizagem, tornando-o apto a discernir sobre a realidade e nela atuar.

Entendemos que o uso do computador como ferramenta mediadora do processo ensino-aprendizagem pode proporcionar mudanças qualitativas na educação, desde que os educadores compreendam, vivenciem, aceitem, flexibilizem as inúmeras possibilidades da ferramenta, adaptando-a de forma a contribuir com a educação.

Como afirma Giraffa (1993, p. 3):

A utilização do computador fica especialmente justificada se pensado como elemento integrante da comunidade escolar, pela ação pedagógica que ele viabiliza. A simples modernização de técnicas não garante melhorias significativas no processo educativo. O substantivo é a Educação e o modo de viabilizá-la deve estar embasado em fundamentos psico-pedagógicos que explicitem uma certa concepção de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, na IE, a apropriação das ferramentas tecnológicas

acontece de acordo com a necessidade de recursos envolvidos no trabalho a ser executado. Há troca de experiências entre alunos e professores de forma que todos se sentem em processo de aprendizagem natural, permitindo experimentar, cometer enganos, explorar e descobrir. Cada participante, dessa forma, busca seu próprio caminho. E, no processo final, a sensação é de que o trabalho não está pronto, porque está em permanente construção. O aluno sente-se confiante. Cada um pode adequar-se às suas próprias necessidades de trabalho, permitindo maior motivação. Há respeito ao ritmo de cada participante e estímulo à troca entre colegas. Isso permite a cooperação que se caracteriza pela coordenação de pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade e pela existência de regras autônomas de condutas de respeito mútuo.

Metodologia

Considerando a complexidade do objeto de estudo e as discussões metodológicas sobre o tema, optamos por desenvolver a presente pesquisa a partir de duas abordagens complementares: a qualitativa e a quantitativa. A associação dessas abordagens quantitativa e qualitativa é possível e, em alguns casos, até desejável (FIELDING & FIELDING, 1986), embora exija cuidados para que não se corra o risco de, ao invés de um produto híbrido de características superiores, ter como produto final algo que não preenche os requisitos de qualidade para nenhuma das abordagens (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 63).

O estudo das concepções de professores depara-se com alguns obstáculos metodológicos. Os professores, muitas vezes, não se sentem à vontade para expor seus pensamentos acerca de temáticas que envolvem a sua prática docente. Além disso, tem, de um modo geral, dificuldade em expressar suas idéias, particularmente sobre assuntos em que habitualmente não pensam de uma forma muito reflexiva, como é o caso da temática 'IE no ensino de História'. A identificação das concepções exige, portanto, a elaboração de um instrumento de pesquisa que ajude as concepções a evidenciar-se.

O questionário é um conjunto de perguntas acerca de um determinado assunto que tem como objetivo medir opinião, interesses, comportamentos ou aspectos de personalidade e colher informações biográficas do sujeito. Considerando esse instrumento o mais adequado para esta pesquisa, visto que, sem a presença do pesquisador, o pesquisado pode se sentir menos constrangido. Assim, recorrendo ao questionário, propusemos perguntas diretas e indiretas cruzando cuidadosamente a informação - obtida com as explicações dadas pelos informantes - de modo que conseguíssemos ir além do refúgio ao 'senso comum' e quebrar as barreiras do discurso profissional 'conveniente', socialmente mais aceitável, pelo menos em termos do seu grupo de referência. Além disso, dada à quantidade de pessoas envolvidas, tornar-se-ia difícil realizar entrevistas ou outro instrumento que exigisse o contato presencial.

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

Esse instrumento² foi utilizado para a coleta de informações que foram tabuladas e trabalhadas numa perspectiva de análise estatística quantitativa, que permitiu informações qualitativas, como a percepção dos professores sobre questões da IE e de suas aplicações no Ensino de História.

Na análise dos dados, foi utilizado o pacote estatístico *SPSS 8.0 for Windows*, programa que oferece um grande número de possibilidades de análises, associações, comparações, tanto de dados quantitativos quanto de dados qualitativos. Este se mostrou indicado para a tabulação dos dados, por contar com recursos como o cruzamento de respostas múltiplas e correlação de variáveis.

Apesar das dificuldades, nos surpreendemos com o número de questionários recebidos: dos 397 questionários enviados (a todos os professores de História da RME/BH), houve um retorno de 150, ou seja, cerca de 38%.

Análise

Ainda que utilizado de modo incipiente e não em toda sua potencialidade, o computador vem sendo introduzido nas escolas, alterando a rotina de professores e alunos, fazendo parte do conjunto das matérias escolares. Tem sido visto tanto como 'grande motivador', quanto como um obstáculo ao processo de ensino-aprendizagem. Possui, por tudo isso, uma imagem forte, suscitando medos e admirações.

Neste item, apresentamos as principais concepções identificadas ao analisar o questionário como um todo - quantitativa e qualitativamente - trazendo à luz a 'fala' dos professores do estudo como evidências de tais concepções e nossas inferências a respeito.

Concepções dos professores de História acerca da Informática Educacional e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem desta disciplina

'O uso do computador nas escolas é algo irreversível e uma exigência da atualidade'

"Saber utilizar este recurso tem sido uma exigência na atualidade. Acredito que aqueles que não o dominarem num futuro próximo, talvez fiquem em desvantagem". 89B³

"Não podemos fingir que não estamos numa era onde a tecnologia tem dominado. Como ficamos em sala de aula com recursos limitados, tendo o aluno fora toda a tecnologia a sua disposição?". 1P

Os professores demonstram que não ignoram a presença do computador na sociedade atual e seu impacto⁴ na educação. Não se pode, no entanto, esperar que eles promovam, por si mesmos, mudanças no processo

de ensino-aprendizagem, sem uma alteração das concepções acerca da História e seu ensino. Caso contrário, corre-se o risco de utilizar os recursos computacionais como simples substituições do giz e do quadro negro, tornando-os uma extensão de um modelo tradicional.

A tecnologia por si só não garante a comunicação de duas vias, a participação real. Como citado por Moran (2000), o importante “é mudar o modelo de educação porque aí sim, as tecnologias podem servir-nos como apoio para um maior intercâmbio, trocas pessoais, em situações presenciais ou virtuais”.

‘O computador não substituirá o professor’

O professor reconhece o ‘impulso’ trazido pelo computador para o ensino de História, não acreditando, entretanto, que essa ferramenta possa substituir sua prática.

“Contribuir é claro que sim. Mas nunca substituir a ação direta e pessoal do professor”. 95B

“O computador pode ser um agente facilitador, não pode quando se sobrepõe à imaginação do professor”. 19L

‘É preciso utilizar o computador e softwares educativos de forma consciente’

Em suas falas, os professores evidenciaram a importância do uso crítico do computador.

“O uso de programas educativo pode e contribui (para a educação), mas não deve ser visto como o único recurso pois sabemos que a utilização sem critério de qualquer recurso , irá esgotá-lo”. 106VN

“Não qualquer programa ou qualquer uso. Tem que ser analisado a concepção de história e educação que subjazem à proposta”. 40O

‘O computador é um transmissor de informações’

Um número significativo de professores mantém a concepção de que o computador é um transmissor de conhecimento eficaz. Ao ter contato com ele, o aluno está mais perto do conhecimento e este, por sua vez, poderá ser absorvido mais facilmente.

“O ensino de História está fundamentado na pesquisa. O computador facilita o acesso às fontes de informações”. 11P ?

“Pelas possibilidades do inter/hipertexto, pelo fácil acesso a imagens, localização e sistematização de informações”. 119 VN ?

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

Podemos perceber, por meio desses pensamentos, que muitos professores, ao invés de considerarem os efeitos culturais mais amplos que o contato com o computador pode produzir, entendem o potencial do computador como sendo somente o de uma 'máquina de ensinar', que apenas repassa informações, transmite conhecimentos. Se o potencial educacional do computador consistisse apenas em repassar informações aos alunos e depois testá-los para ver se as assimilaram, então, por melhores que fossem seus recursos gráficos e por mais atraente que pudesse parecer aos alunos, sua introdução na educação, talvez, não se justificasse.

Por outro lado, também é evidente que eles não apenas percebem o potencial do computador - mais especificamente, da Internet - como fonte de pesquisa, mas reconhecem também o valor da pesquisa no ensino-aprendizagem de História. Esses professores se encontram em um processo de transição - de uma visão mais tradicional da História, seu ensino-aprendizagem, para uma visão mais moderna, mais voltada para a atividade do aluno e a busca de informações - na qual poderiam ser beneficiados se lhes fosse disponibilizada informação (sobre a IE e o ensino de História) e recursos para o desenvolvimento de novas estratégias de ensino.

'O computador é uma ferramenta lúdica e rica visualmente'

Constatamos que 91% dos professores do estudo acreditam que o computador é um meio didático que não apenas facilita a visualização de algumas imagens, como mobiliza a atenção dos alunos e permite uma melhoria na apresentação das aulas.

"O computador pode contribuir ao ensino de História devido às possibilidades de animação". 46O

"Acredito que tornaria a aula mais interessante, com ilustrações e animações que motivariam muito mais os alunos e os ajudariam a entender melhor do que estamos falando". 44O

Nessa concepção, o aspecto pedagógico ou didático das ferramentas disponíveis parece se resumir, quase que totalmente, ao fato de serem atraentes visualmente. O lúdico e o visual são elementos extremamente relevantes para o ensino-aprendizagem de qualquer estudo. Mas esse lúdico não pode ser facilmente substituído pela prática tradicional de apresentação de cartazes e mapas?

'É preciso 'conhecer tecnicamente' o computador para ser capaz de utilizá-lo nas aulas de História'

"Tenho dificuldade para trabalhar com máquinas". 36CS

"[...] não possuímos capacitação para desenvolver programas educativos na área de História". 47 O

Apesar de um número grande de professores (59%) afirmarem que o professor de História não teme o fato de o aluno poder 'dominar' o computador melhor do que ele, acreditam que devem ser técnicos, 'dominar a máquina', para usá-la na sala.

Concepções em relação ao ensino de História

As respostas evidenciaram as seguintes concepções em relação ao ensino de História:

'O ensino de História preocupa-se em estabelecer relações de causa e efeito entre os fatos'

A maioria dos professores do estudo (78%) concorda com essa idéia. Esse percentual difere, e muito, do encontrado em outras pesquisas, como por exemplo, Virta (1999). Nesse estudo, apenas 18% dos participantes concordavam com a idéia de causa e efeito.

'A História pode ser vista como uma sucessão de fatos encadeados entre si'

Quase metade dos professores (44%) concorda com essa afirmação. Nesse sentido, a História seria uma ciência marcada por fatos encadeados em uma seqüência temporal.

'O ensino de História é o registro dos acontecimentos vividos pelo homem em diferentes épocas'

Essa concepção foi manifestada por quase dois terços dos professores do estudo (67%).

Essas três concepções são muito comuns entre professores de História. Em sua dissertação, Ferreira, C. (1997, p. 23) evidencia que a concepção de História que professores, historiadores e autores nos apresentam ainda hoje é uma História de vencedores, aqueles que criam os 'fatos' históricos e os transmitem como 'verdades' definitivas, absolutas e cristalizadas. Isso sugere uma concepção positivista da História, que separa de maneira estanque o passado e o presente, negando o presente como construção, já que, na visão de muitos, a História é apenas passado.

Por outro lado, algumas concepções manifestadas parecem contradizer as anteriores:

Mais da metade dos professores (61,3%) concorda que a História é "uma disciplina dinâmica onde o aluno assume o papel de agente histórico".

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

No entanto, percebemos um paradoxo entre o discurso e a prática. Em suma, as concepções manifestadas pelos professores do estudo sugerem que o ensino de História ainda é, em sua maioria, realizado de forma tradicional. Apesar das várias propostas de reformulação (BARCA, 2001, FONSECA, 2003) do 'fazer história', ainda parece arraigada nos professores a concepção dicotômica na qual, de um lado estão os pesquisadores - instâncias de produção de saber - e, de outro, os professores - instância de reprodução do saber - como se isso fosse simplesmente enquadrar os profissionais da História em duas categorias: a dos pesquisadores/produtores e a dos professores/transmissores do saber.

A História é uma disciplina que está em constante mudança, uma vez que seus objetos de estudo estão em constante reformulação. A própria prática docente cotidiana gera desafios aos professores de História. Logo, os fatos históricos não podem ser vistos (e ensinados) como coisas prontas e acabadas, mas como algo em movimento. Nesse sentido, percebendo o ensino de História como algo dinâmico, ativo, a IE surge como uma ferramenta importante, facilitando a busca de novas abordagens, metodologias, proporcionando um ambiente de pesquisa, comunicação e produção de saber.

Conclusões

Esse estudo evidenciou que os professores de História da RME/PBH se mostram relativamente bem informados quanto ao potencial do computador no ensino, possuem, muitos deles, computadores e os utilizam para fins diversos, contudo, sabem muito pouco sobre as possibilidades de utilização de softwares e outros recursos voltados para o ensino de História. Mostram-se abertos, em alguma medida, à mudança e à IE, mas são conscientes de suas próprias limitações em relação ao uso do computador e programas.

Evidenciamos também que a maioria utiliza o computador - seja em casa ou em outro local - em seu cotidiano e percebem seu impacto na sociedade atual e no ensino de todos os níveis. Contudo, informaram que uma grande parte das escolas da RME/PBH não dispõe de laboratório de informática ou equipamentos básicos para a inserção da IE na escola. Essa limitação impossibilita iniciativas e desmotiva os professores.

Entretanto, encontramos professores envolvidos, entusiasmados com as possibilidades oferecidas pela IE em todos os segmentos, em todas as idades e tempo de magistério. Profissionais que se mostram interessados em romper com uma visão estreita de ensino de História e, acreditam que, contando com os recursos disponibilizados pela Internet e programas, poderiam construir uma prática mais criativa e significativa para seus alunos. Ou seja, a RME/PBH conta com muitos profissionais dispostos a aprender, construir e transformar sua prática pedagógica.

Por outro lado, muitos foram os casos nos quais os professores

apresentaram diversas justificativas para não adotar a IE, mesmo demonstrando compreender que o computador poderia abrir novos horizontes para o conhecimento, a interação entre o aluno e a informação, a possibilidade de construção do conhecimento através da interação.

Embora a maioria dos professores deste estudo destaque em suas falas a importância do computador, na vida cotidiana não são ainda usuários habituais. Ao serem questionados sobre sua posição quanto ao uso do computador como instrumento escolar, todos eles afirmaram serem favoráveis à sua adoção. Entretanto, a maior parte deles não se sente seguro e/ou não sabe como lidar com o equipamento ou o faz em situações bastante específicas (como confecção de provas ou atividades).

Observamos ainda que os professores de História que demonstraram concepções menos favoráveis ou até negativas acerca da IE não utilizam o computador em sua disciplina e sua maioria acredita que a escola tem problemas mais sérios e urgentes para serem resolvidos.

Provavelmente, as concepções mantidas pelos professores - acerca do uso do computador na educação, estão diretamente ligadas à formação do professor - em particular à licenciatura em História. De acordo com a amostra, na graduação, os professores não tiveram disciplinas que utilizassem o computador de forma educacional e não houve, em sua grade curricular, disciplina que abordasse as novas tecnologias na educação.

A inexistência de discussões acerca da IE na prática docente limitou a análise, a crítica e o desenvolvimento de uma opinião sobre o tema. Muitos professores explicitaram o fato de não terem ainda pensado sobre o assunto. Mas não podemos afirmar, contudo, que as concepções não favoráveis ao uso da IE, mantidas pelos professores, tiveram necessariamente suas origens em sua formação.

Os resultados do estudo sugerem uma relação entre o uso do computador no ensino-aprendizagem de História e a percepção de História como disciplina neutra, desprovida de supostos, de causalidade encadeada, de causas e conseqüências.

Nossa revisão de literatura e experiência com professores sugeria que a idade do professor poderia estar relacionada à maior ou menor resistência em relação à IE. Ou seja, quanto maior a idade, maior a resistência a essa ferramenta. Tal fato poderia estar associado à ausência de contato com a IE durante sua formação quando não durante a maior parte de sua vida. Entretanto, a análise dos dados apresenta uma situação diferente.

Os professores mais novos, ou mais recentemente saídos dos cursos de graduação ou pós-graduação, que, às vezes, têm mais contato com a IE,

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

podem, da mesma forma, considerar o preparo das atividades com os recursos do computador mais trabalhoso do que aquele das tradicionais aulas expositivas. Mesmo porque a resistência pode não se apresentar em relação ao computador em si, mas em relação à imensa diversidade de informações às quais os alunos têm acesso.

Entendemos, portanto, que a IE tornou mais visível uma série de exigências a respeito da reestruturação das práticas pedagógicas dos docentes, seja dos professores antigos - que cresceram e foram formados sem os atuais recursos computacionais e há muito estão acostumados ao estilo tradicional de aula - seja dos professores novos - que hoje competem com uma gama infindável de informações.

Na sociedade atual, os professores precisam se atualizar constantemente, não apenas em quantidade e qualidade de informações, mas também em velocidade, uma vez que os alunos podem chegar, a qualquer momento, com as informações mais recentes. Os educadores precisam se mostrar receptivos às novidades que os alunos venham a trazer, abrindo espaço para novas discussões.

Desse modo, a IE pode se mostrar um ótimo recurso para professores que vivem à busca de novidades, mas, ao mesmo tempo, pode ser um bloqueio para os que persistem no tipo de aula somente expositiva.

A inovação não está restrita ao uso da tecnologia, mas também à maneira como o professor vai se apropriar desses recursos para criar projetos metodológicos que superem a reprodução do conhecimento e levem à produção do conhecimento.

Apesar disso, um número significativo de professores parece encarar o computador como um novo ambiente cognitivo. Contudo, as justificativas ainda evidenciam uma preocupação acentuada com a transmissão de conhecimentos e a informática é percebida como uma excelente ferramenta nesse sentido. Sua função seria disponibilizar para o aluno o maior número de informações possíveis. Dependendo de como essa idéia é implementada em sala de aula, os alunos podem continuar no papel de meros receptores passivos de informações, cumpridores de ordens e comandos.

Pelas respostas dos professores em relação ao uso da informática, verifica-se a necessidade de se repensar a Educação Continuada e outros processos de capacitação. É importante compreender que, além da ação do 'governo' para viabilizar tais projetos, o trabalho que se desenvolve no interior da escola é fundamental. O desafio está em investir em novos comportamentos e na aquisição de novas habilidades, pautados pelo conhecimento do potencial da IE e de uma proposta de trabalho coerente e construída coletivamente. O conhecimento de História precisa ser visto como processo social e,

permanentemente construído, e, neste caso, mediado pela Informática Educacional.

Propostas de formação e desenvolvimento profissional precisam promover não meramente uma mudança de conceitos, mas uma mudança nas concepções do professor. Dada sua influência sobre o comportamento desse profissional, é preciso conhecê-las e desenvolver estratégias adequadas para transformá-las. Propostas que desconheçam as concepções dos professores têm grandes chances de não atingir seus objetivos. Diversas pesquisas têm demonstrado a ineficiência de 'treinamentos' e reformas 'de cima para baixo'. O professor pode alterar seu discurso, mas, na prática, continuam a valer as concepções que o orientaram até então.

Dessa forma, uma proposta de formação e/ou desenvolvimento profissional, que se dedicasse a conhecer as concepções e anseios dos professores envolvidos, teria mais elementos para elaborar atividades que desequilibrassem as concepções vigentes, criando espaço e oportunidade para a elaboração de novas idéias diante do processo de ensino-aprendizagem de História mediado pela IE.

Embora não tenha sido o objetivo deste trabalho investigar a formação inicial do professor de História, nossos dados revelaram que raramente disciplinas na graduação abordam de forma crítica e sistemática a inserção das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem.

É indispensável que, na formação inicial, o futuro professor de História tenha espaço para rever suas concepções, debater, fazer e realizar novas propostas. De acordo com Ferreira, C. (2003, p. 291), a formação e a prática crítica dos professores de História podem levar a um enfoque inovador do ensino, permitindo uma mudança de atitudes dos próprios docentes e nos seus alunos, onde a incorporação das novas tecnologias ocorre de forma a dinamizar o processo de ensino-aprendizagem.

De um modo geral, é evidente a necessidade de uma maior divulgação e acesso às possibilidades oferecidas pela IE para os professores de História. E isso inclui desde os futuros professores aos mais experientes, pois, como evidenciou nosso estudo, ao contrário do que se costuma esperar, foram os professores com maior tempo de magistério e idade que se mostraram mais ativos e interessados quanto a IE.

Notas

O código que aparece no final das citações corresponde aos nomes fictícios dos respondentes.
"Para resguardar a identidade dos professores, os nomes aqui colocados são fictícios".

Referências

ALMEIDA, F. J. **Educação e informática**: os computadores na escola. São Paulo: Cortez, 1988.

BARBOSA, A. C. C. **Concepções sobre leitura e sus implicações práticas encontradas na elaboração de um curso on-line**. 2002. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2002.

BARCA, I. Educação histórica na sociedade de informação. **Ensino da História: Boletim A.P.H**, Lisboa, n. 19/20, p. 35-42, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Ed., 1994.

CHAVES, E. **Tecnologia**. Disponível em: <<http://www.edutec.net/Textos/Self/EDTECH/tecned2.htm#I.Tecnologia>>. Acesso em: 3 set. 2003.

_____. **O uso do computador nas escolas públicas**. Disponível em: <<http://www.edutec.net/>>. Acesso em: 18 jul. 2004.

CRUZ, M. B. A. O ensino de história no contexto das transições paradigmáticas da história e da educação. In: NIKITIUK, S.L. (Org.). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 67 – 77.

CYSNEIROS, P. G. **Professores e máquinas**: uma concepção de informática na educação. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, NIE/NPD 1999. Mimeografado.

FERREIRA, A. A. **Concepções de professores de matemática acerca da formulação e resolução de problemas**: processos de mudança. 2001. 137 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

FERREIRA, C. A. L. **A formação e a prática dos professores de História**: enfoque inovador, mudança de atitudes e incorporação das novas tecnologias nas escolas públicas e privadas do estado da Bahia, Brasil. 2003. 363 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2003.

FIELDING, N.G.; FIELDING, J.L. **Linking data**. Newbury Park, CA: Sage. 1986.

FONSECA, T. N. de L. e. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GIRAFFA, L. M. M. Abracadabra: ambiente de ensino-aprendizagem computadorizado. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 4., 1993, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 1993.

GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica**. São Paulo, Cortez, 1999.

Andréia de A. Ferreira - Paulo C. S. Ventura

GUIMARÃES, H. M. **Concepções, práticas e formação de professores:** educação matemática: temas de Investigação. Lisboa, 1992. p. 249-255.

KENSKI, V. M. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. In: BARRETO, R. G. (Org.). **Tecnologia educacional educação a distância:** avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

MARTÍNEZ, P. F. Creencias y concepciones de los futuros profesores sobre las matemáticas, su enseñanza y aprendizaje: evolución durante las prácticas de enseñanza. **Educación Matemática**, v. 8, n. 3, p. 122-124, dez. 1996.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: _____. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** São Paulo: Papirus, 2000. p. 11- 66.

NUNES, S. do C. **Concepções de mundo no ensino de história.** São Paulo: Papirus, 1996.

PONTE, J. P. da. O computador como ferramenta: uma aposta bem sucedida? **Inovação**, p. 41-48, 1989.

_____. Ciências da educação, mudança educacional, formação de professores e novas tecnologias. In: NÓVOA, A.; CAMPOS, B.P.; PONTE, J.P.; SANTOS, M.E.B. **Ciências da educação e mudança.** Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991.

_____. **Remar contra a maré:** a construção do conhecimento e da identidade profissional na formação inicial. 2004. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt>>. Acesso em: 6 nov. 2004.

VALENTE, J. A. Por quê o computador na educação? In: VALENTE, J. A. (Org.). **Computadores e conhecimento:** repensando a educação. Campinas: Unicamp/Nied, 1993. p. 24-44.

_____. Diferentes usos do computador na educação. In: _____. **O uso inteligente do computador na educação.** Palestra realizada em Belo Horizonte em 28 jan. 1998.

VIRTA, A. **Student teachers' conceptions of history.** Disponível em: <<http://www.ex.ac.uk/education/historyresource/journal3/finland.pdf>> Department of Teacher Education, University of Turku. Acesso: 02 nov. 2004.

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

Notas

- ¹ FERREIRA, Andréia de Assis. Apropriação das novas tecnologias: concepções de professores de História acerca da Informática Educacional no processo de ensino-aprendizagem. 2004. 130 p. (Dissertação, Mestrado em Educação Tecnológica) CEFET/MG.
- ² Ver anexo.
- ³ Para resguardar a identidade dos professores, os nomes aqui colocados, através de códigos, são fictícios.
- ⁴ Utilizamos a palavra impacto no sentido de abalo, influência causado por um acontecimento.

Correspondência

Andréia de Assis Ferreira - Rua Poranga nº 157 - Bairro Ipanema - 30830-100 - Belo Horizonte / MG.

E-mail: andreia.ferreira@pbh.gov.br

ANEXO I

QUESTIONÁRIO¹

Dados Pessoais

Idade Menos de 25 25 - 30 31 - 35 36 - 40 41 - 45 Mais de 45

Sexo F M

Escolaridade Licenciatura em História Bacharelado em História Outra

Atualmente leciona para 3º ciclo (12 a 15 anos) Ensino Médio Outro. Indique: _____

Formação

1. Você está cursando ou cursou a graduação em : Instituição particular Instituição pública

2. No seu curso de graduação o computador é (foi) usado em alguma disciplina?

Sim Não

Se sim, como? _____

3. Há quanto tempo você leciona História?

1 ano ou menos Mais de 1 até 5 anos Mais de 5 até 10 anos

Mais de 10 até 15 anos Mais de 15 até 20 anos Mais de 20 anos

Conhecimentos em Informática

4. Você possui computador em casa?

Sim Não (Passe para a pergunta nº 9.)

5. Há quanto tempo você possui computador em casa?

1 ano ou menos Mais de 1 até 5 anos Mais de 5 até 10 anos

6. Você já fez algum curso de informática?

Sim Não

acessar a Internet consultar Softwares Educativos

fazer desenhos / jogar preparar apresentações (com Power Point ou similar)

fazer provas/testes preparar aulas

usar planilhas eletrônicas Outra: _____

Atitude Face ao Computador: identificação da atitude do docente, em termos de Utilizador e Não Utilizador

8. A sua escola tem computadores:

na biblioteca num laboratório próprio [sala própria] de Informática

na sala de professores Na sala da diretora e/ou coordenadora

na secretaria Outro. Indique: _____

9. Você utiliza o computador em atividades da sua disciplina?

Sim (Passe para a questão nº 12) Não

Identificação das razões da não utilização do computador na sala de aula, por parte dos docentes

10. Por que NÃO utiliza?

¹ O questionário não está em sua formatação original.

Concepções de professores de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte acerca da informática educacional

<input type="checkbox"/> Não vê aplicações tendo em vista o currículo da disciplina	<input type="checkbox"/> Falta equipamento
<input type="checkbox"/> A 'escola' não permite esse tipo de atividade	<input type="checkbox"/> Não se sente seguro (a) para utilizar
<input type="checkbox"/> O laboratório de informática não está disponível no horário da aula	<input type="checkbox"/> Não sabe como utilizar
<input type="checkbox"/> O ensino através do computador está a cargo de outro/a professor/a	<input type="checkbox"/> Outro: _____

Passar para a questão de número 15.

Identificação das razões da utilização do computador na sala de aula, por parte dos docentes utilizadores

11. Há quanto tempo você utiliza o computador em atividades da sua matéria?

1 ano ou menos Mais de 1 até 3 anos Mais de 3 até 5 anos Mais de 5 anos

12. Os alunos usam o computador em sua disciplina principalmente para:

<input type="checkbox"/> acessar a Internet	<input type="checkbox"/> preparar apresentações
<input type="checkbox"/> aulas práticas	<input type="checkbox"/> usar planilhas eletrônicas
<input type="checkbox"/> fazer desenhos / jogar	<input type="checkbox"/> Outro. Indique: _____

13. Nas aulas em que você usa o computador os alunos de maneira geral demonstram:

<input type="checkbox"/> maior interesse do que nas aulas em que você não usa o computador	<input type="checkbox"/> o mesmo interesse do que nas aulas em que você não usa o computador
<input type="checkbox"/> menor interesse do que nas aulas em que você não usa o computador	<input type="checkbox"/> Não sei / Não avaliei

14. Como você acha que o computador ajuda em suas aulas?

<input type="checkbox"/> Tornando-as mais lúdicas	<input type="checkbox"/> Tornando-as mais interessantes para os alunos
<input type="checkbox"/> Fixando conteúdos mais difíceis	<input type="checkbox"/> Como incentivo à pesquisa
<input type="checkbox"/> Outro. Indique: _____	

Percepção sobre uso do computador na educação

15. No Brasil, em poucos anos, só haverá emprego para professores que souberem usar o computador.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

16. Nos dias de hoje, só haverá qualidade no ensino se a escola usar computadores.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

17. O uso de computadores nas escolas é uma moda que vai passar logo.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

18. A escola tem problemas mais sérios e urgentes para tratar do que o uso de computadores.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

19. O uso do computador no ensino de História pode impedir o desenvolvimento da criatividade e da socialização dos alunos.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

20. Na maioria das vezes, os professores de História não usam o computador no ensino por falta de preparação.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

21. Alguns professores receiam usar o computador em suas aulas, pois os alunos dominam mais a máquina.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

22. A História pode ser vista como uma sucessão de fatos encadeados entre si.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

23. O ensino de História é o registro dos acontecimentos em diferentes épocas vividas pelo homem.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

24. O ensino de História preocupa-se em estabelecer relações de causa e efeito entre os fatos.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

25. A História é uma disciplina dinâmica onde o aluno assume o papel de agente histórico.

concorda absolutamente concorda em parte discorda não sei

26. Você gostaria de ter a oportunidade de aprender mais sobre o uso do computador e de programas educativos? Exprese suas idéias a respeito.

27. Você acredita que o uso do computador e de programas educativo pode contribuir para o ensino de História? Por quê?

28. Quais os fatores que dificultam/impedem um uso mais disseminado do computador no ensino de História (de maneira geral)?

Caro professor,

Se você se interessar em participar de uma conversa posterior, favor deixar seu nome e número de telefone e/ou e-mail para contato.

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO E POR SEU TEMPO DEDICADO A RESPONDER ESTE

QUESTIONÁRIO!